

OS TEMPOS E AS RELAÇÕES FAMILIARES NO ROMANCE CECÍLIA ENTRE OS LEÕES, DE GILVAN LEMOS¹

Andreza Karoline Cavalcanti Martins²

PALAVRAS-CHAVE: Gilvan Lemos; Cecília entre os Leões; velhice e juventude; família.

Introdução

Quando se pensa em nomes relevantes no contexto da Literatura Brasileira contemporânea, o do escritor Gilvan Lemos (n. 1928; f. 2015), responsável por uma expressiva obra literária — entre contos, novelas e romances —, é digno de vir à mente, ainda que tenha alcançado pouca repercussão de sua obra ficcional, seja no âmbito acadêmico, seja na esfera do público em geral. Nascido em São Bento do Una, agreste do estado de Pernambuco, o cidadão Gilvan Lemos possuía uma característica marcante: a timidez, possível algoz que veio a dificultar maior divulgação de suas obras.

No sentido de incrementar-se o conhecimento da obra do autor, com o destaque a um fator recorrente em sua produção, propõe-se a análise das relações familiares dentro do romance **Cecília entre os Leões** (1994), em um recorte acerca da dicotomia velhice—juventude. A análise em curso foca em **Cecília entre os Leões** (1994), história de amor que envolve dois adolescentes, Sileno e Cecília (personagem esta que dá nome à obra). Ambientada na cidade do Recife, a fábula não se resume ao amor juvenil entre o casal. A obra contempla, também, um amor familiar, evidenciado, sobretudo, nos laços que há entre Sileno e seu avô, seus pais e seus irmãos. Além disso, o romance promove a relação temporal entre o passado, refletido nos olhos dos mais velhos, e o presente, na perspectiva do jovem Sileno.

É útil lembrar que estudos de Crítica Literária já foram capazes de identificar a condição recorrente do conflito entre gerações na escrita do autor pernambucano. A temática está presente em outras seguintes obras do escritor, como *Noturno sem Música* (1956; 1996), *Jutaí Menino* (1968), *Emissários do Diabo* (1968), *Os Olhos da Treva* (1975) e *Espaço Terrestre*

¹ Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado(a) em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. Antony Cardoso Bezerra. Março/2021.

² Graduando(a) em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: cavalcanti.andrezak@gmail.com

(1993). Ao tratar da universalidade da obra de Gilvan, Malcolm Silverman (1994, p. 104) já flagrara essa reincidência:

A conturbada transição da juventude para a condição adulta — e paralelamente, da meia idade para a velhice — domina **Jutaí Menino**, **Noturno sem Música** e "Quem, quem se interpõe?", atingindo a todos os envolvidos em "Ponte da Boa Vista" (**Os que Se Foram Lutando**), As filhas do padeiro e "Provação" (**O Defunto Aventureiro**), bem como Fábio, de **Os Pardais Estão Voltando**.

O relacionamento familiar é analisado à luz de estudos sobre o tempo e, também, da análise dos choques geracionais abrangidos na Filosofia e na Sociologia. Por esses instrumentais, assim, busca-se problematizar uma dimensão essencial da narrativa romancística, que é a da temporalidade — representada tanto no plano da estrutura quanto da fábula. Pretende-se, ainda, em escala mais ampla, tocar no legado deixado pelo escritor e, por consequência, contribuir para a preservação de sua memória literária.

Dada a abrangência do tema em questão, as discussões estão alicerçadas em fontes diversas. Busca-se apoio em Ortega y Gasset (1966) para dar conta dos conflitos entre gerações. O conhecimento mais detido acerca da velhice e do comportamento dos mais velhos e dos jovens na sociedade se promove com recorrência à psicóloga Ecléa Bosi (1987) e ao sociólogo Norbert Elias (2001). Philippe Ariès (1962) contribui com seu posicionamento sobre família na sociedade. No que à estrutura da narrativa diz respeito — particularmente, ao tempo —, a referência capital é o teórico israelense A. A. Mendilow (1972). A respeito dos dados sobre o escritor, o manancial a que se recorreu está presente na biografia elaborada pelo jornalista Thiago Corrêa, **Gilvan Lemos: o último capítulo** (2017).

Aporte Teórico-Methodológico

No tratamento das relações familiares e da passagem do tempo (personificadas nas figuras de Novelino, avô; e Sileno, neto), mostra-se proveitoso o estudo sociológico e psicológico dos conceitos de família, de velhice e de juventude. É imprescindível buscar apoio em outras esferas de conhecimento a fim de aclarar a compreensão acerca do texto narrativo em tela. Significa dizer que essas perspectivas possibilitam a interpretação da construção literária sem, contudo, desprezar o conhecimento sobre a vida e a obra do autor Gilvan Lemos, bem como a fortuna crítica destinada a este.

O conflito entre as gerações é um ponto de relevância dentro da análise do romance **Cecília entre os Leões**, isso porque, como foi mencionado, temos nas figuras de Novelino e Sileno a dicotomia velhice—juventude. Partindo do entendimento de que o ser humano é formado por suas vivências no meio social (familiar) e por suas experiências psicológicas ao passar dos anos, compreende-se que o estilo de vida é adaptado a cada geração.

No ensaio “Dom Gumersindo de Azcarate Morreu”, Ortega y Gasset – filósofo espanhol e investigador das gerações humanas – afirma que: “O semblante da vida muda com cada geração. Traz, cada uma delas, peculiar sensibilidade, certas propensões genuínas para o pensar e o sentir”. (ORTEGA Y GASSET, 1966, p. 11-12.) [Trad. própria.]. As gerações estão, desse modo, intensamente ligadas ao conceito familiar e aos ensinamentos passados dos mais velhos aos mais jovens, mesmo que em dados momentos da vida esses ensinamentos sejam desprezados.

Em **História Social da Criança e da Família**, o historiador francês Philippe Ariès, a partir de uma análise iconográfica que parte da Idade Média, traça uma linha do tempo para conceituar família, chegando à conclusão de que a família e o tempo estão intimamente ligados: “[...] esse calendário assimila a sucessão dos meses do ano à das idades da vida, mas representa as idades da vida sob a forma da história da família [...]”. (ARIÈS, 1986, p. 202.) Em suas palavras, as idades da vida simbolizam a ideia de família desde o nascimento até a morte.

Diante do exposto, cabe salientar que o estudo do tempo na narrativa de **Cecília entre os Leões** debruça-se sobre o foco geracional. Essa passagem temporal se dá pelo desenrolar dos eventos a partir das experiências emocionais dos envolvidos no enredo. O tempo é o ponto-chave a ser observado, pois, só com o passar dos anos e das gerações, veem-se os conflitos familiares.

Ainda com o olhar voltado ao conflito geracional, vale recorrer à psicóloga Ecléa Bosi (1987, p. 35) quando trata da velhice e da juventude na sociedade. Em **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**, a autora observa que, “além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social”. O sociólogo Norbert Elias (2001, p. 16) contribui ao discutir a incapacidade dos mais novos em se relacionarem com moribundos (os mais velhos) “porque suas fantasias compensatórias de imortalidade, que mantêm

sob controle seus terríveis medos infantis, seriam perigosamente abaladas pela proximidade deles”.

Segundo o teórico israelense, A.A. Mendilow (1972, p. 196), o tempo psicológico tem sido o foco dos romancistas modernos, bem mais do que a duração cronológica dos eventos: “A duração verdadeira, portanto, é subjetiva, medida por valores, não pelo relógio; conseqüentemente varia em extensão de acordo com cada indivíduo, tendo em vista as circunstâncias e a disposição de espírito em que ele acontece estar”. Desse modo, compreende-se que as memórias – no recurso de analepse – presentes no enredo são responsáveis por garantir a progressão da trama. Esse é um fator que contribui para a percepção das dimensões temporais de um texto narrativo.

Discussão

Cecília entre os Leões, narrativa cuja fábula se passa na cidade do Recife, pode parecer tratar-se de um enredo baseado apenas no namoro entre os jovens Sileno e Cecília, mas a obra não se resume a isso. A família é o ponto central da narrativa. Durante toda fábula, o jovem Sileno está cercado por seus pais, seu avô – com quem mantém um relacionamento bem fundamentado – e seus irmãos, em eventos que trazem à tona problemas familiares a serem resolvidos.

Nas primeiras linhas do romance, os pontos que se propõe analisar já se mostram, conforme o excerto a seguir, que contempla a cidade na qual a fábula se desenvolve, o passar do tempo, as personagens de uma mesma família, a dualidade de gerações.

Em plena rua da Aurora, Sileno e o avô. A rua não era a mesma dos quadros de pintores saudosistas. Descaracterizada, diziam, incompleta. Ou completada por prédios modernos, de muitos andares. [...] Na oportunidade, Sileno incentivava o avô, injetava-lhe lembranças. (LEMOS, 1994, p. 7.)

O romance seguirá nesse eixo, apresentando as personagens em suas características familiares — “Heitor é mais papai. No tipo, na acalmia, nas atitudes. Enquanto Adônis... Adônis é mais filho de vô que de papai [...]” (LEMOS, 1994, p. 57); bem como contrastando o Recife de ontem com o de hoje — “Esta avenida Rio Branco, hoje é diferente? Diziam-lhe que sim. À noite era uma festa. A partir das dez horas as mulheres começavam a descer. Descer significava fazer a ronda, fazer a vida [...]” (LEMOS, 1994, p. 69.).

Como bem discorreu Mendilow (1972), o bom romance segue seus próprios padrões temporais e, na narrativa de Lemos, vemos a escolha inteligente das passagens do tempo que estão intimamente ligadas ao relacionamento familiar. Nesse processo, Sileno vive as lembranças dos mais velhos para só então construir as suas e, até, “humanizar o presente”. Como bem defende Bosi (1987, p. 41), a conversa com uma pessoa mais velha é uma experiência capaz de repassar conhecimentos válidos a quem ouve.

Por ser filho mais novo do casal, Antonieta e Anquises, “filho da velhice”, Sileno carrega o peso de não cometer os mesmos erros dos irmãos mais velhos, Adônis e Heitor. O rapaz, mesmo tão jovem, precisa atender às expectativas de todos, sobretudo, de seu pai. Essa afirmação fica evidente no trecho abaixo em que Adônis fala com Sileno:

-É você, garotão? Puxa, cada vez mais homenzinho. Precisa rapar esse buço de mocinha donzela. – Alegre, amistososo, ficou-o analisando: – O hominho do professor Anquises. [...]– O filho da velhice de Anquises. E por ser o mais jovem é quem vai carregá-lo nas costas, quando Tróia for destruída[...]. O professor, papai-professor. (LEMOS, 1994, p. 22-23.)

Mesmo havendo analogia entre a fala de Adônis e a mitologia (que permeia na família por conta do professor Anquises e a escolha dos nomes dos seus herdeiros), fica claro que Sileno é responsável por “carregar” o pai, fazer-lhe as vontades.

Uma vez que seus irmãos mais velhos desertaram, recai, desse modo, sobre o jovem uma responsabilidade sem tamanho: orgulhar os pais e, talvez, prover a família. Embora sem claras evidências de que os pais esperassem de Sileno que os sustentasse, esse é o desejo do rapaz, como se pode constatar no excerto em que o filho de Antonieta conversa com o pai sobre o benefício de encontrar o tesouro escondido pelo avô há alguns anos:

Tenho ouvido vocês cochicharem. Não é direito, seu avô não sabe o que está dizendo.
 - Está-se referindo ao tesouro, pai?
 - Isso mesmo. Não tem cabimento.
 - Será a nossa redenção financeira.
 - Logo a nós caberia essa bênção divina? A nós, que nunca tivemos sorte em coisa alguma. Nós!. (LEMOS, 1994, p. 16-17.)

Ao longo da narrativa pode-se perceber que Sileno é o responsável por manter o equilíbrio familiar: “[...] Eu sou o elo, o elemento de ligação que a mantém, se não unida, pelo menos informada. Deus mensageiro, eu, Hermes em vez do calvo Sileno [...]” (LEMOS, 1994, p. 18). Faz as vontades do avô,

realiza as rondas em busca dos irmãos aos mandos da mãe, ouve o pai e suas extensas histórias sobre a História com “h” maiúsculo.

A relação familiar em análise mostra-se com força no protagonista do romance, sempre amistoso com os mais velhos, o que vai de encontro ao que Bosi constata ser dominante sobre o comportamento da sociedade — de rechaço — em relação aos mais velhos (cf. BOSI, 1987). A afeição pela família é notória na admiração que tem por seus irmãos: “E, diante dele ou de Heitor, mas me amenino, pensa. Aposto que estou corado. Adônis e Heitor, meus heróis” (LEMOS, 1994, p.22); e no orgulho do que aprendeu com o pai: “Deste mortal Anquises herdei o amor à grandiloquência, às tiradas heroicas dos heróis verdadeiros, à união indestrutível da família? [...] Sou. Como meu pai.” (LEMOS, 1994, p.18). Sileno enxerga nos irmãos mais velhos pessoas em quem se espelhar, mas, no fundo, o jovem possui mais características do pai e não despreza isso. Ainda assim, percorrendo a narrativa, nota-se que o passar dos anos traz uma nova compreensão de Sileno em relação ao genitor:

E tome marcas de umidade nos sovacos e nas costas, tome o representativo odor que em criança Sileno julgava ser o da paternidade. Agora, esclarecido, Sileno achava que se o pai tomasse um banho, mudasse de roupa... Isso não lhe faria bem? E aos outros? (LEMOS, 1994, p. 10.)

A transição da infância para a adolescência é marcada pela perda da inocência que permitia ao garoto não se incomodar com o odor exalado pelo pai.

O tempo também é fator importante nessa mediação realizada por Sileno. É o neto mais novo, o filho mais novo, o irmão mais novo; portanto, desfrutou de uma maior convivência com a família: “– Você é safado, Leninho, mas eu gosto de você. Com Heitor e Adônis não tive a mesma convivência, não houve oportunidade, penso assim, você agora é meu maior amigo, Leninho.” (LEMOS, 1994, p. 30). Nessa passagem, fica evidente: o avô, outrora marinheiro sempre em longas viagens, agora, na velhice, pode desfrutar da companhia do neto mais novo.

Ainda sobre a relação de maior intimidade entre personagens, vai-se a outro trecho que relata o quão marcante é o tempo no enredo do romance:

Num domingo. Heitor e Adônis preparando-se para ir à praia. Sileno alvoroçado: Vou também! Nieta à porta da cozinha adivinhando: Deixe ele ir, Anquises, aproveita mais na praia. No momento, ali não estava presente apenas o pai, mas, principalmente, o professor,

fervoroso admirador de Frei Caneca [...] Heitor e Adônis em alvoroço, o irmão caçula em desespero. E Nieta, penteando-lhe os cabelos: É no que dá, Leno, ser muito mais novo que seus irmãos. Você é o queridinho do papai. O brinquedinho do papai. Você, pra ele, é como um carrinho de puxar. (LEMOS, 1994, p. 11-12.)

Anquises projeta em Sileno a continuação de si próprio. O nascimento de Sileno foi como o renascimento do pai, no entanto, vira os planos frustrados quando Leno abandona os estudos: “Como tenho pena de ver você, logo você, se perdendo.” (LEMOS, 1994, p. 17).

Outro fator notável que se pode observar em **Cecília entre os Leões** é a relação entre Sileno e seu avô, Novelino. “O velho procura erguer-se, rindo baixo, convulsivamente. Sileno dá-lhe a mão. Quase se encostam os rostos. Assim próximos, o velho aproveita para, com ingênua malícia tramar: [...]” (LEMOS, 1994, p. 28). Revela-se, nessa articulação, um relacionamento baseado na cumplicidade entre avô e neto; e, mais além, de compreensão do ente mais novo diante da limitação do idoso: “E Leninho, esse é meu camarada. Me dá umas facadinhas de vez em quando, mas é meu amigo. Acho que é. Queria poder recompensá-lo [...]” (LEMOS, 1994, p. 51). Sileno sente uma espécie de veneração pelo avô, o que fica evidente no momento em que o menino revela ao velho que tudo que vier dele é uma bênção, ainda que sejam maus exemplos. (cf. LEMOS, 1994, p. 29.)

A relação entre Novelino e sua filha — Nieta — também é um ponto-chave no conflito entre as gerações, uma vez que Nieta vê em seu pai uma figura frágil e que precisa de tutela, enquanto o velho Nô incomoda-se com o exagero de cuidados:

Risonho, o velho bafora. Valeram a descida dos dois lances da escada — trinta e quatro degraus — e o gesto perdulário. Que lhe dá mais prazer então, o próprio cigarro ou a oportunidade de iludir a filha? A filha que não lhe dá trégua, que lhe tira a carne gordurosa da boca, que não lhe salga a comida, que o obriga àqueles banhos cabulosos, que o aspira por todos os lados para verificar se ele catinga a mijo. (LEMOS, 1994, p. 29).

Os cuidados excessivos limitam a existência humana na velhice, roubam a vontade de viver dos mais velhos. Elias (2001, p. 16) comenta que o medo de perder o controle sobre si faz com que os mais velhos tenham atitudes estranhas e apresentem uma postura infantil. Além de tudo isso, bem como as limitações físicas, vê-se esquecimento a respeito do que já se viveu como elemento adicional nessa equação:

— Não se lembra mais, está bem. — Do tesouro, não é Leninho? Tenho tentado, meu filho. Não por mim, só por você. Mas não me lembro, não me lembro! Queria tanto fazer isso por você. Fico incomodado, aborrecido. Não poder fazer nada por uma pessoa a quem a gente tanto ama. É danado... (LEMOS, 1994, p. 85.)

No romance, a busca pelo tesouro é um dos pontos mais significativos abordados e intensifica a relação entre avô e neto. Enquanto Novelino possui histórias para contar das quais não se recorda, Sileno ainda não tem experiências para contar: “Agora, para Sileno, que restava? Lembranças dos outros, saudades alheias”. (LEMOS, 1994, p. 69). Talvez seja o namoro com Cecília, o passaporte para um amadurecimento e a construção de uma história. Essa ideia é alvo de análise ainda por se realizar, a fim de saber se de fato pode-se considerar o amor juvenil como uma nova apresentação da personagem no contexto temporal.

Considerações Finais

O trabalho alcançou aquilo a que, inicialmente, propôs-se: analisar **Cecília entre os Leões**, de Gilvan Lemos com a finalidade de enxergar como se dão as relações entre pessoas mais velhas e os jovens dentro de um ambiente familiar. Observar a passagem do tempo e como ele influencia nas vivências fora um dos elementos norteadores da pesquisa que visa o aprofundamento da técnica de crítica literária.

Estudar Gilvan Lemos é resgatar um legado artístico quase esquecido pela sociedade brasileira e pernambucana. Seria de todo interessante se a academia, bem como o público em geral atentasse para o autor e sua literatura. Por hora, compreende-se que o presente trabalho surge como mais uma contribuição à fortuna crítica sobre o autor e inaugura uma apreciação à **Cecília entre os Leões**.

Referências

ARIÈS, P. **Centuries of Childhood: a social History of family life**. New York: Alfred A. Knopf, 1962.

BOSI, E. **Tempo de Lembrar**. 2.ed. S. Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.

CORRÊA, T. **Gilvan Lemos: o último capítulo**. Recife: CEPE, 2017.

ELIAS, N. **A Solidão dos Moribundos**: seguido de Envelhecer e Morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LEMOS, G. **Cecília entre os Leões**. Recife: Bagaço, 1994. MENDILOW, A. A. **O Tempo e o Romance**. Porto Alegre: Globo, 1972.

ORTEGA Y GASSET, J. **Obras Completas**: 1917-1928. 6. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1966.

SILVERMAN, M. A Universalidade da Obra de Gilvan Lemos. **Ciência e Trópico**, Recife, v. 22, n. 1, p. 81-108, jan.-jun. 1994.